

[Pesquisa revela que muitas mulheres brasileiras não fazem mamografia](#)

(Jornal Nacional, 29/06/2015) Quase 20% das que têm entre 40 e 69 anos nunca fizeram exame no SUS. Na rede particular, índice é de 5%.

O câncer que mata mais mulheres, no Brasil, é o de mama. Mas quando a doença é descoberta bem no início, a chance de cura é praticamente de 100%. Mesmo assim, segundo uma pesquisa do Datafolha, 15% das brasileiras com idade entre 40 e 69 anos nunca fizeram a mamografia.

Clique na imagem para assistir ao vídeo da matéria:



Vitamina C, remédio para garganta, para o nariz, dor no corpo. Tem gente que é assim: tossiu, espirrou, corre para a farmácia. Agora, e quando não é nem gripe nem resfriado e sim uma doença bem mais séria? Acreditem: tem gente que não quer nem saber o que é por medo.

Foi assim com a Sandra. Aos 50 anos, ela tem câncer de mama em estágio avançado. A doença chegou nesse ponto porque ela se descuidou. Não fez mamografia quando devia, mesmo depois que apareceu um nódulo no seio.

“Para quem morre de medo de médico, imagina exame. Eu já tinha antecedente na família próximo, que era minha mãe, então acho que isso deveria ter acendido o alerta, mas a gente sempre pensa: ‘não, as coisas só acontecem com os outros’”, conta a aposentada Sandra Lattarulo.

Agora, para cuidar do jardim, dar comida para o Pingo, fazer artesanato, tem que ser tudo devagar.

“Tenho que tomar cuidado, já não posso levantar peso, às vezes estou fazendo alguma coisa e

fico cansada”, diz Sandra Lattarulo.

Tem muitas mulheres como a Sandra, que deixaram a saúde de lado. Uma pesquisa, feita em todo país, mostra que 19% das mulheres, de 40 a 69 anos de idade, nunca fizeram mamografia no Sistema Único de Saúde. Na rede particular, 5%.

“Algumas falam que dói”, diz uma mulher.

“Conheço várias pessoas que têm medo”, afirma uma jovem.

“Quando você procura uma coisa você acha”, defende uma outra mulher.

Para quem não conhece, o vídeo acima mostra o aparelho que faz o exame de mamografia. Os médicos recomendam: quem tem casos de câncer de mama na família - avó ou mãe, por exemplo - tem que começar a fazer o exame logo, normalmente com 30 anos de idade. As mulheres que não têm podem começar a prevenção um pouquinho depois, aos 40.

“Se você diagnostica um câncer de mama em estágio precoce, a chance de curar essa mulher é acima de 90%. No estágio 1 beira os 100%, chega próximo aos 100%”, explica o oncologista Rafael Kaliks.

Medo? Desinformação? Às vezes tem outra barreira.

“É a questão do acesso mesmo, do tempo que as mulheres as vezes demoram para conseguir fazer uma mamografia”, afirma Luciana Holtz, presidente do Instituto Oncoguia.

A Dona Valdete desistiu do exame no SUS, em Aracaju, por causa dos três meses de espera. A família fez uma vaquinha e pagou a mamografia.

“Quando eu consegui, que eu levei à médica, a médica me falou que eu estava com caroço já dentro da mama”, lembra a aposentada Valdete Vieira do Nascimento.

Outro dado alarmante apontado pela pesquisa: 37% das entrevistadas disseram que o ginecologista não examina a mama na consulta.

“Se a gente não fizer essa mamografia e depender só do exame clínico e esse exame não acontece, o que vai acontecer? A gente vai acabar diagnosticando tarde e não vai curar a maioria dessas mulheres”, alerta Rafael Kaliks.

Hoje, a Sandra sabe: não dá para voltar lá para os 43 anos e começar de novo, mas dá para deixar um bom conselho.

“Vale a pena prevenir. E o exame não é nenhum bicho de sete cabeças. Acho que enfrentar é o melhor caminho”, diz Sandra Lattarulo.

Acesse no site de origem: [*Pesquisa revela que muitas mulheres brasileiras não fazem mamografia \(Jornal Nacional, 29/06/2015\)*](#)

Como a imprensa lida com as pesquisas de opinião

(Observatório de Imprensa, 14/10/2014) Durante a entrevista a conselheira do Instituto Patrícia Galvão, Fátima Pacheco Jordão, comenta a importância das pesquisas para a decisão do eleitorado e analisa a abordagem da mídia sobre os levantamentos.

Os resultados do primeiro turno das eleições deixaram em evidência os erros dos dois maiores institutos de opinião do país: Datafolha e Ibope. Eles erraram em nove estados tanto para a disputa presidencial quanto as estaduais. As sondagens de intenção de voto e de boca de urna tiveram incompatibilidade com os resultados em mais de três pontos percentuais e surpreenderam os eleitores.

Casos como o da corrida presidencial que não dava o candidato do PSDB Aécio Neves como segundo colocado e no Rio Grande do Sul, o candidato do governo que ficou em primeiro lugar, estava em segundo nas pesquisas. Neste, o erro foi de 11 pontos a menos do que o apresentado nas urnas.

Os responsáveis pelos institutos se defenderam alegando que tratam estes números como prognósticos, embora sejam diagnósticos e refletem uma realidade passada, não futura. Apesar disso, eles foram criticados por políticos e especialistas. A mídia abriu espaço para o fato nos dias seguintes ao primeiro turno, mas não aprofundou o assunto que é recorrente nas últimas eleições.

O Observatório da Imprensa quer debater mais uma vez as pesquisas de opinião que regem as campanhas e influenciam o voto, principalmente no dia anterior à votação. Vamos analisar também o enorme número de votos brancos e nulos que podem sugerir uma insatisfação no eleitorado que foi às ruas em junho do ano passado.

Assista ao programa na íntegra:

Acesse no site de origem: [Como a imprensa lida com as pesquisas de opinião \(Observatório de Imprensa, 14/10/2014\)](#)

Racismo no Brasil é “estrutural e institucionalizado”

(Rede Angola, 17/09/2014) ONU revela estudo sobre a discriminação no país. Campanha para eleições não aborda interesses dos negros

A Organização das Nações Unidas (ONU) concluiu que o racismo no Brasil é “estrutural e

institucionalizado” e “permeia todas as áreas da vida”, informa o portal *UOL*.

Num estudo publicado na última sexta feira pela ONU, os especialistas concluem que o “mito da democracia racial” ainda existe na sociedade brasileira e uma parte “nega a existência do racismo”.

O documento surge num momento em que o racismo no Brasil volta a ser tema de discussão. Recentemente a equipa de futebol Grémio de Porto Alegre foi excluída da Taça do Brasil devido ao comportamento racista dos seus adeptos no jogo contra o Santos, no dia 28 de Agosto.

Outro caso é o de uma jovem negra do estado Minas Gerais que publicou no Facebook uma fotografia em que posa com o seu namorado branco. A jovem foi vítima de injúrias raciais. Um dos perfis da rede social escreveu: “Onde comprou essa escrava?”. Em seguida: “Me vende ela”.

A jovem denunciou o caso à polícia, que deve indiciar os autores por crime de injúria racial. A pena pode chegar a três anos de prisão e multa.

O estudo da ONU diz ainda que os negros no Brasil são os que mais são assassinados, têm menor escolaridade, menores salários, maior taxa de desemprego, menor acesso à saúde, morrem mais cedo e têm a menor participação no Produto Interno Bruto. São também a parte mais representada nas prisões e os que ocupam menos postos no governo.

A organização sugere que se “desconstrua a ideologia do branqueamento que continua a afectar as mentalidades de uma porção significativa da sociedade”. Também destaca que “o Brasil não pode mais ser chamado de uma democracia racial e alguns órgãos do Estado são caracterizados por um racismo institucional, nos quais as hierarquias raciais são culturalmente aceites como normais”.

Os especialistas da ONU estiveram no Brasil entre os dias 4 e 14 de Dezembro do ano passado.

Debates da campanha para as eleições presidenciais não abordam temas de interesses dos negros

Uma análise do Instituto Patrícia Galvão, com base nos dados das agências Ibope e Datafolha, mostra que, mesmo sendo a maioria dos eleitores, as diferenças sentidas pelos negros estão ausentes do debate político na campanha para as eleições presidenciais, que decorrerá a 5 de Outubro.

O estudo, intitulado “Gênero e Raça nas Eleições Presidenciais 2014: A força do voto de mulheres e negros”, indica que os negros representam 55 por cento dos eleitores, enquanto que os brancos são 44 por cento e os amarelos correspondem a um por cento.

A socióloga e especialista em pesquisa de opinião Fátima Pacheco Jordão sublinha a ausência dos temas de interesse da população negra na campanha para as eleições.

“Chama a atenção o distanciamento dos autodeclarados pretos em relação ao programa, que pode ser explicado pelo facto de a questão racial não aparecer com ênfase nas campanhas. A não ser na exibição de alguns modelos negros, a população não se vê representada nos programas”, afirmou.

A socióloga destacou ainda que a população negra brasileira reconhece cada vez mais a sua identidade. “A autodeclaração é uma questão de identidade enquanto cidadão e cidadã”, disse.

Acesse no site de origem: [Racismo no Brasil é “estrutural e institucionalizado” \(Rede Angola, 17/09/2014\)](#)

Voto do eleitorado feminino e negro será determinante nas eleições 2014

(Adital, 09/09/2014) Pela primeira vez na história das eleições diretas para a Presidência do Brasil, as eleitoras superam os votantes homens em 6 milhões de pessoas em todo o país. Além disso, a população negra e parda é maioria no eleitorado brasileiro de maneira inédita na escolha do mandatário do país. As informações são destaque na análise intitulada “Gênero e raça nas eleições presidenciais de 2014: a força do voto de mulheres e negros” ([acesse aqui o relatório na íntegra](#)), publicada pelo Instituto Patrícia Galvão, que trabalha pela qualificação da cobertura jornalística sobre questões críticas que envolvam os direitos das mulheres brasileiras.

O estudo é uma leitura de dados levantados pelos institutos de pesquisa Ibope e Datafolha. De acordo com a análise, o eleitorado feminino é maior desde o ano 2000, mas o peso neste ano é inédito, somando 74,4 milhões de votantes mulheres diante de 68,2 milhões de votantes masculinos.

Desde 1989, quando a população brasileira passou a eleger seu presidente por voto direto, depois de duas décadas de ditadura civil e militar, negros ou pardos representam 55% do eleitorado brasileiro, declarando-se brancos outros 44% da população e amarelos o restante 1% dos entrevistados pelas pesquisas.

No que se refere à intenção de votos espontâneo por sexo e raça, 32% declararam ainda não saber em quem deverão votar nas eleições marcadas para serem realizadas no próximo dia 05 de outubro, em todo o país. Entre as mulheres, mantém empate técnico as candidatas Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores - PT), atual Presidenta da República, que tenta reeleição, e Marina Silva (Partido Socialista Brasileiro - PSB), ex-ministra do Meio Ambiente que entrou na corrida presidencial após a morte do então candidato Eduardo Campos.

Nas intenções de voto espontâneo, Dilma marca 27% enquanto Marina figura entre os 25% entre as votantes. Um total de 10% das eleitoras aponta Aécio Neves (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB) como seu candidato, enquanto outros 10% declararam votar em branco e 28% não sabem ou não responderam. Já no voto estimulado, as duas mulheres candidatas aparecem com 35% das intenções de votos das brasileiras, enquanto Aécio figura com 14%. Campos, morto no último dia 13 de agosto em um acidente de avião, permanece aparecendo nas intenções de voto de 8% do eleitorado feminino.

Entre o eleitorado autodeclarado negro ou pardo, Dilma amplia liderança no voto espontâneo,

com 35% das intenções de voto, seguida por Marina (25%) a Aécio (8%). Nesse segmento, 9% deverão votar em branco ou nulo e 22% ainda não escolheram seu candidato ou não responderam a pergunta. Já no voto estimulado, ou seja, aquele em que a lista de candidatos é apresentada ao entrevistado, Dilma abriu oito pontos de vantagem na liderança entre a população negra do Brasil, aparecendo com 40% das intenções de voto desse segmento étnico.

O que representam os dados

A socióloga e especialista em pesquisa de opinião Fátima Pacheco Jordão, coordenadora do estudo, aponta aspectos do comportamento desses dois segmentos no Brasil. Segundo ela, os dados mostram como o eleitorado ainda está avaliando as opções para o cargo e, nesse contexto, as mulheres continuam levando mais tempo para definirem seu voto. “Assim como nas eleições anteriores, o voto feminino continua sendo um voto mais reflexivo”, avalia Fátima.

De acordo com a socióloga, o processo de amadurecimento da escolha eleitoral tem um recorte de gênero e, em diferentes níveis, perpassa a geografia, a escolaridade e os ciclos de vida do eleitorado. Nesse sentido, as mulheres aguardariam mais informações para definirem seu voto e observariam com maior rigor as propostas e promessas de políticas públicas, uma vez que elas mesmas são as principais usuárias dos serviços públicos, representando 51,3% do contingente populacional brasileiro.

Já com relação à mudança no peso do eleitorado negro, Fátima interpreta que isso revela que a população brasileira cada vez mais se reconhece na sua identidade racial. No que tange às campanhas no horário eleitoral, o estudo indica que Dilma e Marina recebem avaliação similar por parte da população. “Chama a atenção o distanciamento dos autodeclarados pretos em relação ao programa, que pode ser explicado pelo fato da questão racial não aparecer com ênfase nas campanhas. A não ser na exibição de alguns e algumas modelos negros e negras, a população negra não se vê representada nos programas”, aponta Fátima.

Como pode influenciar

Em entrevista à Adital, Fátima avalia que essa característica do eleitorado feminino tardar mais a decidir o voto pode influenciar no curso das eleições, como na geração de um segundo turno de votação. “Como foi o caso das últimas eleições presidenciais, em que não se esperava o segundo turno entre Dilma e José Serra [na época candidato pelo PSDB]”, exemplificou.

Relativo à população negra, ela diz que esse eleitorado crescente pode influir na integração de brasileiros/as negros/as nas peças de campanhas publicitárias eleitorais, mas ainda sem levantar questões sobre o racismo propriamente dito. “Eles são tratados apenas nos períodos eleitorais. Fora destes, não se vê um debate incisivo que resulte numa transformação da sociedade”, analisa a socióloga.

Acesse no site de origem: [Voto do eleitorado feminino e negro será determinante nas eleições 2014 \(Adital, 09/09/2014\)](#)

'Vagão rosa' em trens e metrô divide feministas

(Folha de S.Paulo, 12/07/2014) Grupos feministas de São Paulo estão divididos sobre o "vagão rosa", que é exclusivo para mulheres no metrô e nos trens da CPTM.

Criada pelo deputado Jorge Caruso (PMDB), a medida foi aprovada na Assembleia no dia 4 para proteger as mulheres de abusos sexuais no transporte superlotado.

Leia mais:

[Nota da MMM contra o vagão rosa: pelo direito ao espaço público e a uma vida livre de violência](#)

[Usuários apoiam vagão exclusivo para mulheres em trem e metrô \(R7, 14/07/2014\)](#)

["Retrocessos disfarçados", diz criadora do projeto Eu Não Mereço Ser Estuprada sobre vagão feminino no metrô \(Revista Donna, 11/07/2014\)](#)

[Cinco alternativas ao vagão para mulheres \(Outras Palavras, 10/07/2014\)](#)

[Segregação em trens e metrô 'culpabiliza' mulher por assédio \(Rede Brasil Atual, 09/09/2014\)](#)

[Assédio sexual no transporte público poderá ser punido com prisão \(Agência Câmara, 07/07/2014\)](#)

O governo afirma estar estudando o projeto, que deve ser vetado ou aprovado pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB) nos próximos dias.

A estudante Giulia Ribeiro, 18, do grupo Tática Feminista, se diz totalmente contra o vagão, pois ele "aumenta a segregação entre os gêneros".

"E os estupradores podem fazer suas viagens livremente sem serem culpabilizados", completa.

Militante da Marcha Mundial das Mulheres, Sonia Coelho, 55, também reprova.

"Ele reforça o imaginário de que a mulher é culpada pela violência que sofre. Quem for agredida em outro vagão, que não o exclusivo, pode ser questionada sobre o motivo de não estar na parte das mulheres."

A estudante de letras Isadora Szklo, 21, e militante do grupo "RUA - Juventude Anticapitalista", também se posicionou contra o vagão feminino. "Existem formas simples e imediatas de diminuir os casos de agressão de forma educativa, como capacitar agentes e seguranças do metrô sobre as causas de assédio e criação de um órgão presente em todas as estações para denúncia", diz ela.

Já a estudante da USP Letícia Pinho, 26, do Mulheres em Luta, diz que o vagão não resolve o problema do assédio, mas seria uma medida protetiva importante -o coletivo já distribuiu, em estações da Grande São Paulo, alfinetes para mulheres se defenderem dos "encoxadores".

“A superlotação deixa a mulher mais vulnerável. Já que o transporte de qualidade está demorando, a gente precisa do mínimo de segurança urgentemente”, diz.

O Juntas, grupo feminista ligado ao PSOL, se posicionou a favor da medida.

“Sou a favor porque tenho a impressão de que a população é favorável. Acho que falta ao movimento feminista ouvir mais as mulheres que enfrentam o transporte lotado todos os dias”, argumenta Giulia Tadini, 24, militante do movimento.

Pesquisa do Datafolha feita em abril apontou que 73% dos paulistanos se revelaram favoráveis ao “vagão rosa”.

A vendedora Carolina do Nascimento, 19, aprova. “Seria ótimo. Já briguei com um rapaz que me apertou”, diz ela, que usa trem e metrô nos horários de pico.

Um protesto contra o “vagão rosa” está programado para o próximo dia 18, na praça da Sé. Cerca de mil pessoas já confirmaram presença na rede social Facebook.



Vagão exclusivo para mulheres funciona desde 2006 no Rio de Janeiro; proposta é para coibir assédio sexual nos horários de pico Alexandre Campbell - 24.abr.2006/Folhapress

RIO

O vagão para mulheres existe no Distrito Federal desde 2013 e no Rio, desde 2006.

No Rio, uma lei estadual obriga as concessionárias a destinarem vagões femininos nos horários

de pico. A lei não determina, porém, punição em caso de descumprimento.

Segundo a concessionária MetrôRio, o passageiro identificado é convidado pelas seguranças a se retirar.

Tanto a MetrôRio quanto a SuperVia, que administra os trens urbanos do Rio, investem em campanhas de conscientização.

Os esforços, contudo, não impedem que homens descumpram a medida. De acordo com relatório da Agetransp, a agência reguladora dos transportes do Estado, em cerca de 200 vistorias feitas em janeiro nos vagões femininos no metrô, foi registrada a presença masculina em 3,05% das vezes.

Já nos trens da SuperVia, a situação é pior. Dos 1.612 vagões inspecionados em janeiro, havia homens em pelo menos 50% dos casos. O ramal de Japeri, cidade da Baixada Fluminense, registrou o maior percentual: em quase 80% das inspeções havia homens nos vagões exclusivos.

*

Dúvidas sobre o “vagão rosa”

Entenda o projeto de lei aprovado na semana passada.

O que é?

A proposta prevê a criação de um vagão só para mulheres em cada trem do Metrô e da CPTM, com o objetivo de evitar casos de abuso sexual.

Quem é a favor?

Grupos como o Movimento Mulheres em Luta (ligado à CSP-Conlutas) e o Juntas (ligado ao PSOL) defendem que o vagão diminui assédios e agressões.

Quem é contra?

Grupos autônomos como a Marcha Mundial das Mulheres e o Tática Feminista defendem que o vagão aumenta a segregação e culpabiliza as mulheres pelos ataques.

Acesse o PDF: [‘Vagão rosa’ em trens e metrô divide feministas](#)

Parada Gay chega aos 18 com apelo contra a violência

(Folha de S.Paulo, 04/05/2014) Considerada uma das maiores do mundo, manifestação anual na avenida Paulista pedirá fim da intolerância. Concentração começa às 10h de hoje em frente ao teatro Gazeta; percurso deve terminar às 19h, na Consolação

A Parada do Orgulho Gay de São Paulo, considerada uma das maiores do mundo, entra hoje em sua maioridade voltada para o combate à violência contra homossexuais no país.

Relatório divulgado em fevereiro pelo Grupo Gay da Bahia indicou que, em 2013, o país registrou 312 assassinatos de gays, travestis e lésbicas, sendo os Estados de Pernambuco e São Paulo os mais violentos para esse público.

Apesar de o número ter recuado 7,7% em relação ao de 2012, as organizações gays colocam o Brasil como um dos países mais violentos do mundo com o segmento.

“Precisamos criminalizar a ‘homolesbotransfobia’ [fobia contra as diversas orientações sexuais] e vamos usar a parada deste ano para cobrar isso. Ninguém aguenta mais os relatos de crimes cruéis praticados contra gays no Brasil”, afirma Fernando Quaresma, presidente da associação que organiza o ato.

Para Quaresma, a maioridade do evento marca também um momento de comemorar conquistas que o movimento gay realizou ao longo dos últimos 18 anos.

“Vivíamos na invisibilidade. Relações entre gays não existiam para a sociedade. Avançamos no reconhecimento de nossos parceiros para fins de previdência e de dependência em planos de saúde, sem falar no casamento entre pessoas do mesmo sexo, que hoje é permitido em todos os cartórios do país.”

Uma das maiores novidades para a 18ª edição do evento foi a inédita divulgação de apoio da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo aos direitos dos gays.

O órgão cobrou em nota às pessoas de “boa vontade e, em particular, a todos os cristãos” que reflitam sobre as “profundas injustiças” a que está exposto o público LGBT e que se empenhem ativamente na sua superação.

OCUPAÇÃO

De acordo com a Secretaria Municipal do Turismo, R\$ 3,2 milhões são movimentados com a parada, principalmente pelos cerca de 80 estabelecimentos voltados para o público gay na cidade, como bares, restaurantes, casas noturnas, saunas e clubes de sexo.

A ocupação de hotéis econômicos da região da avenida Paulista e do centro, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do Estado de São Paulo, ficou em torno de 90% com o evento.

No ano passado, segundo o Datafolha, 220 mil pessoas estiveram na parada, que foi

prejudicada pela chuva.

A previsão do tempo indica sol para este domingo, com chance de pancadas de chuvas rápidas e isoladas.

A concentração para a parada começa às 10h, em frente ao teatro Gazeta. Os 14 trios-elétricos começam a desfilar ao meio-dia. O evento deve se encerrar às 19h, na rua da Consolação, em frente à igreja de mesmo nome.

A partir das 19h, shows musicais gratuitos vão fechar as comemorações em torno do orgulho gay na avenida Ipiranga.

Acesse o PDF: [Parada Gay chega aos 18 com apelo contra a violência \(Folha de S.Paulo, 04/05/2014\)](#)